

Haverá pós-antropoceno?

A melhor aposta para prolongar nossa permanência é prestar atenção às leis da vida e trabalhar com elas, e não contra elas

José Eli da Veiga

Valor, 28/12/2021

Sim e não, respondem dois recentes livros, cuja comparação é bem divertida. Com certeza - foi o que disse o grande engenheiro, formulador da hipótese Gaia, James Lovelock, em *Novaceno: O Advento da Era da Hiperinteligência*, traduzido, em 2020, pela portuguesa Edições 70. Nem um pouco - diz o notável ecólogo Rob Dunn, em *A Natural History of the Future*, que acaba de ser lançado em Nova York, pela Basic Books.

Para Lovelock, ao surgir como jogador sobre-humano de xadrez, shogi e go, o programa AlphaZero, da Google DeepMind, já anunciara, desde 2017, o fim do Antropoceno. Mesmo que não atribua a tal fato o início do que chama “Novaceno”, pois tão grande avanço da inteligência artificial seria insuficiente para marcar o advento de uma nova época.

ADVERTISING

A melhor aposta para prolongar nossa vida no planeta é prestar atenção às leis da vida e trabalhar com elas, e não contra elas

Muito mais importante teria sido a descoberta de cristais semicondutores, como o silício ou o arsenieto de gálio, que servem para fazer máquinas ultrassofisticadas. Então, o passo decisivo, na visão de Lovelock, está na necessidade de se recorrer a computadores que se autoconcebem e se autoconstróem. Exatamente como o AlphaZero ensinou-se a jogar go. Ele enxerga o desabrochar de um novo mundo, desde que as próprias máquinas passem a ser convidadas, pelos humanos, a montarem novas máquinas.

O mais importante, contudo, é que essa “nova vida” alcançaria muito mais do que a autonomia do AlphaZero. Seria capaz de se aperfeiçoar e se reproduzir. Erros, em tais procedimentos, seriam corrigidos assim que detectados. “A seleção natural, tal como descrita por Darwin, será substituída por uma seleção intencional muito mais rápida”, diz Lovelock, sem o menor constrangimento.

Para ele, estaremos em pleno Novaceno, quando surgirem formas de vida capazes de corrigir erros de reprodução por seleção intencional. Assim que a vida artificialmente inteligente surgir, poderá evoluir suficientemente depressa para que se torne parte considerável da biosfera. O que ocorreria antes do fim deste século.

O mais revolucionário - continua o grande engenheiro - é que os conhecedores do futuro não serão seres humanos, mas “ciborgues”, autoproduzidos a partir de sistemas de inteligência artificial, já organizados. Tais ciborgues depressa se tornarão milhões de vezes mais inteligentes do que os humanos.

Esta meia dúzia de parágrafos lovlockeanos é mais do que suficiente para ilustrar a total incompatibilidade com o conteúdo do sétimo livro de Rob Dunn, professor do Departamento de Ecologia Aplicada da North Carolina State University. Seu intuito é relembrar o que as leis da vida dizem sobre o destino da espécie humana.

A primeira lei da paleobiologia é que, um dia, a espécie humana será extinta, assim como qualquer outra. A longevidade média dos animais parece estar em torno de dois milhões de anos. O *Homo sapiens* é uma espécie bem jovem, que evoluiu há cerca de duzentos mil anos. Ainda poderá ter um bom tempo. Só que são, justamente, as espécies jovens as que correm maior risco de extinção, por estarem mais sujeitas a erros fatais.

As únicas que tendem a sobreviver por muito mais tempo do que alguns milhões de anos são os micróbios, alguns dos quais podem entrar em longa dormência. Recentemente, bactérias coletadas nas profundezas oceânicas foram estimadas em mais de cem milhões de anos. Depois de algumas semanas recebendo oxigênio e comida, elas, que haviam respirado pela última vez durante o surgimento dos mamíferos, novamente começaram a respirar e a se dividir.

Dunn sublinha que é tentador imaginar que os humanos descobrirão como imitá-las, em futuro ainda bem distante. Mas alerta que, tais especulações, ao partirem da suposição de que estaríamos isentos das leis da vida, são puro fruto da arrogância humana.

A melhor aposta para prolongar nossa permanência no planeta é bem mais humilde: prestar atenção às leis da vida e trabalhar com elas, em vez de contra elas. Conservar e curar as ilhas de habitat na Terra, de maneiras que possibilitem a evolução de espécies benígnas ou mesmo benéficas.

É preciso fornecer corredores através dos quais tais espécies possam se instalar nos habitats em que serão capazes de sobreviver em climas futuros. E gerenciar, cuidadosamente, os ecossistemas ao nosso redor para manter os parasitas e pragas de nossos corpos e plantações sob controle.

Também é imprescindível reduzir as emissões de gases de efeito estufa o mais rápido possível, para deixar boa parte da Terra em condições ainda dentro dos limites do nicho humano. E encontrar modos de salvar as espécies e ecossistemas dos quais dependemos, ou poderemos algum dia depender.

Para tanto, precisamos sempre lembrar que somos uma espécie entre muitas. Diz, *ipsis litteris*: uma espécie que não é nem mais nem menos especial do que o protista peludo cintilante que vive dentro do intestino do cupim, a mosca do rinoceronte ou um besouro terrestre que vive toda a sua vida entre as folhas de um único indivíduo de uma única espécie de árvore.

O mais provável, então, é que o Antropoceno só termine com a extinção da humanidade. Melhor, então, tentar prolongá-lo, o que poderá exigir a domesticação de eventuais ciborgues.

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP:
www.zeeli.pro.br